

Juniper

treinamento budista para a vida moderna

UM PARADIGMA MODERNO

Sobre Juniper

Juniper é uma extensão de uma longa linhagem Budista Indo-Tibetana, iluminando sua sabedoria e práticas na cultura moderna. Oferecemos um caminho que revela uma dimensão espiritual para nossas vidas, infundindo-nos com serenidade, insight, compaixão e tornando-nos uma força positiva no mundo. Visite nossa web site e desfrute nossa lista de e-mail, entre em contato ou visite-nos em Redwood City, Califórnia, nosso centro de ensinamentos e meditação.

Web Site

www.juniperpath.org

Copyright

© 2010 Juniper Foundation

Um Paradigma Moderno

Integrando o pensamento budista ao conhecimento moderno

EXCERTO 1

Introdução: Questionamento e o pensamento budista

“Examinar antigas visões budistas do mundo físico sob a luz do conhecimento moderno pareceria não somente condizente com a filosofia central do pensamento budista, mas também guiado por ela.”

O treinamento budista trata do desenvolvimento da mente. Mas o que é a mente? Onde ela está? Como ela funciona? O pensamento budista poderia ser considerado a primeira abordagem sistemática de descrição da mente. Entretanto, assim como ocorre em vários campos do questionamento, isso não significa que todas as suas ideias clássicas resistam ao teste do tempo. Neste trabalho, examinamos ideias clássicas do budismo sob a luz do conhecimento moderno. Nossa perspectiva é que o coração do treinamento budista não é dependente de teorias ultrapassadas sobre a mente e sobre o mundo físico. Ao contrário, ele surge do casamento do nosso conhecimento, em evolução, sobre a mente e o mundo físico com o *insight*, a filosofia e com os métodos de treinamento dos grandes mestres e iogues budistas. O resultado é um novo paradigma que combina conhecimento moderno com a filosofia e com os métodos do treinamento budista.

A ciência transformou radicalmente nosso entendimento do mundo físico, das mais distantes fronteiras do Universo conhecido até as atividades mais internas do cérebro. Noções antigas nas quais a Terra ocupava uma posição central ou especial no universo foram substituídas pela imagem de um universo inimaginavelmente mais vasto do que qualquer coisa concebida anteriormente, um desdobramento de incontáveis partículas, minúsculas e interdependentes. Similarmente, estamos descobrindo que quase todas as facetas da cognição e da emoção humana estão apoiadas num sistema incredivelmente complexo de sinais elétricos e químicos que se movem através de extensas redes neuronais.

Essa carga de conhecimento traz grandes desafios ao nosso sistema de crenças, expondo grandes lacunas entre as visões antigas e o conhecimento moderno. A teologia cristã, por exemplo, tem se dividido em como conciliar as explicações bíblicas e científicas

da criação. O pensamento budista encara desafios semelhantes quando antigas noções de carma e de reencarnação vêm de encontro a ideias modernas. Contudo, o pensamento budista é bem apropriado à tarefa de integrar o pensamento moderno ao desenvolvimento interior. Construído sobre uma fundação de questionamento e desenvolvimento contínuos, a essência do pensamento budista não exige que aceitemos antigas crenças quando elas são contestadas por descobertas modernas.

É bem conhecido que Buda alertou sobre os perigos de aceitar ideias com base apenas na autoridade – além de advogar a importância de testar as palavras de um professor como se estivesse testando um pedaço de ouro para avaliar se é verdadeiro¹. É dito que, em uma ocasião, Buda ensinou que não se deve acreditar em algo simplesmente porque é dito por outros, porque é tradição, porque é bem conhecido, porque é citado em um texto, porque é aparentemente baseado na razão, ou porque é recitado por um professor respeitado². Em vez disso, devemos nos basear em uma validação pessoal através de um processo de questionamento e de experiência. Isso não significa que as palavras de autoridades respeitadas devem ser ignoradas; pelo contrário, isso significa que elas não devem ser aceitas cegamente, mas somente depois de consideração e questionamento.

Muitos séculos depois do tempo de Buda, os trabalhos atribuídos a Nagarjuna, tido como “sem dúvida o mais importante, influente e amplamente estudado filósofo *mahayana*”³, criam uma filosofia completa a partir do pensamento crítico. O mais famoso desses trabalhos, a *Mulamadhyamakakarika* (“A sabedoria fundamental do Caminho do Meio”) é uma apresentação muito importante do que é conhecido como filosofia analítica e dialética, baseada no questionamento e no pensamento crítico⁴.

Algumas centenas de anos depois, outro reverenciado filósofo budista, Chandrakirti, elucidou e perpetuou o método dialético no que veio a ser um dos mais famosos textos da filosofia budista⁵. E, no nosso entendimento, a grande Universidade Budista de Nalanda (400-1200 d.C.) foi um centro de pensamento progressista, questionamento e aprendizado, uma precursora das modernas universidades.

Sua Santidade o Dalai Lama tem, repetidamente, confirmado a importância do pensamento racional e feito grandes esforços para entender o que a ciência moderna tem a dizer sobre a mente e o Universo⁶. Em *O Caminho para a Felicidade: um guia prático para os estágios da meditação*, ele escreveu: “Acima de tudo, a abordagem básica do budista é sujeitar conceitos à observação direta e lógica, ela não deve ser aceita somente porque é ensinada nos sutras e nos textos”⁷.

Em suma, ao examinar o cerne das ideias budistas, o que encontramos não é um sistema rígido de princípios que deve ser adotado não interessando o tempo e local, mas uma metodologia aberta e dinâmica para obter bem-estar interior e maximizar o potencial da experiência. Parece claro, portanto, que examinar antigas visões budistas sobre o mundo físico à luz do conhecimento moderno não é somente condizente com a essência do pensamento budista, mas também guiado por ela.

EXCERTO 2

O papel do questionamento

Se o questionamento moderno coloca em xeque as teorias clássicas do renascimento e do carma, qual é o seu impacto no pensamento budista? A resposta depende do que consideramos ser a qualidade definidora do pensamento budista. Se for a aceitação sem questionamento de ideias antigas, podemos dizer que qualquer desvio das ideias clássicas sobre renascimento e carma não seria consistente com a doutrina budista. Se, ao contrário, a qualidade definidora do pensamento budista é o questionamento contínuo sobre a natureza da mente e da realidade, então seria perfeitamente compatível com o pensamento budista reconsiderar ideias clássicas sobre renascimento e carma sob a luz do conhecimento moderno.

Como descrevemos anteriormente, nossa interpretação dos grandes mestres budistas, desde Buda Shakyamuni, Nagarjuna, Chandrakirti, até Sua Santidade o 14º Dalai Lama dos tempos modernos, nos diz que o questionamento e a análise crítica são as pedras angulares do pensamento budista. Nós vemos o pensamento budista como uma metodologia universal do autodescobrimento que nos alinha com a beleza, a espontaneidade e a força dinâmica da realidade, seja qual for a verdadeira face dessa realidade.

Difícilmente podemos imaginar o que Buda Shakyamuni, Nagarjuna, Chandrakirti ou outros grandes pensadores budistas diriam se confrontados com as descobertas do conhecimento moderno. Entretanto, uma leitura de suas palavras sugere que eles eram exploradores apaixonados e de cabeça aberta para a natureza da realidade e para a experiência humana. Portanto, se tivessem sido confrontados com uma estrutura de conhecimento envolvendo estas questões, teriam prestado muita atenção a elas. De fato, adesão rígida às teorias antigas diante de montanhas de evidências em contrário era a noção contra a qual eles lutaram. Sobre isso, o filósofo Owen Flanagan diz: “O que é bonito sobre o budismo talvez possa ser guardado em uma forma estável e (mais) sofisticada conceitualmente.”. Em suma, parece que o impacto das descobertas modernas no pensamento budista o torna mais atual, relevante e acessível.

Notas:

¹ “Como o sábio que testa a pureza do ouro queimando, cortando e examinado por meio de um pedaço de pedra, deste modo você aceita minhas palavras após examiná-las e não meramente em consideração e reverência a mim.” Jnanasara-samuccaya, como citado em Piyadiassi Thera, *The Seven Factors of Enlightenment*, <http://www.accesstoinight.org/lib/authors/piyadassi/wheel001.html>. Veja também *The Kalama Sutta*, <http://oaks.nvg.org/kalama.html#ref> e “The Dharma,” <http://buddhism.kalachakranet.org/dharma.html>

² Ven. Soma Thera, *Kalama Sutta: The Buddha’s Charter of Free Inquiry*, <http://www.accesstoinight.org/lib/authors/soma/wheel008.html>. Veja também “The Kalama Sutta,” <http://oaks.nvg.org/kalama.html>

³ Jay L. Garfield, *Empty Words: Buddhist Philosophy and Cross-Cultural Interpretation*. Oxford University Press, 2001, p. 2.

⁴ Jay L. Garfield (trans.), *The Fundamental Wisdom of the Middle Way: Nagarjuna’s Mulamadhyamakakarika*. Oxford University Press, 1995.

⁵ Veja Jamgön Mipham, *Introduction to the Middle Way, Chandrakirti’s Madhyamakavatara* com comentários de Jamgön Mipham. Shambhala Publications, 2005.

⁶ Veja, por exemplo, Sua Santidade o Dalai Lama, *The Universe in a Single Atom: The Convergence of Science and Spirituality*. (Broadway Publications, 2006)

⁷ Sua Santidade o Dalai Lama, *Path to Bliss: A Practical Guide to Stages of Meditation*. Snow Lion Publications, 1991, p. 63.